

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 3 – 9 de Novembro de 2017 | TODAS AS MANHÃS DO MUNDO (1991)



Há quem afirme que é o mais belo filme feito até hoje sobre a vida de um compositor. Não sei se será, estas classificações são sempre aleatórias, mas posso dizer que é seguramente um dos mais belos e um dos mais conseguidos a traduzir alguns aspectos da personalidade dos dois músicos que se confrontam e igualmente dos mais interessantes a procurar penetrar na intimidade do fenómeno da criação artística. Claro que muito do que aqui é contado é ficcionado, muito pouco se sabe, aliás, da vida de ambos os músicos. Mas o filme também não se apresenta fundamentalmente como uma biografia, mas como uma meditação sobre a música e a arte. Além de que é belíssimo e soberbamente interpretado por Jean-Pierre Marielle e Gérard Depardieu, para lá de outros secundários.

O filme inicia-se de forma brilhante. Um longo plano fixo sobre o rosto de Gérard Depardieu, interpretando Marin Marais na velhice. O plano é ocupado pelo rosto do actor, emoldurado por uma cabeleira grisalha de largos caracóis empoeirados. Os olhos envelhecidos e macerados, as faces carregadas da maquiagem que se usava na corte de França em pleno século XVII. Marais dormita, olhos fechados, enquanto à sua frente, em off para nós, espectadores, se vão ouvindo as indicações de um professor de música que vai treinando jovens alunos, enquanto o Mestre se encontra meditando e ouvindo ao longe o que se passa à sua volta.

São mais de seis minutos de um plano fixo inesquecível. O Mestre vai falar. Todos se calam para ouvir as palavras do Mestre: “Todas as notas devem terminar em morte”. “Transformar a alma? Não!” Fala da “sombra” e de alguém “que se acha e se perde”. E termina por anunciar que o Mestre vai dar uma aula. Corte no plano inicial e principia o longo flashback, durante o qual Marais vai recordar o convívio com o seu Mestre, o Monsieur de Sainte Colombe (Jean-Pierre Marielle), um dos mais célebres músicos e compositores de viola de gamba desse século. Sainte Colombe terá perdido a mulher quando esta era ainda muito nova, deixando-o com duas filhas jovens, num enorme palacete no meio de uma propriedade, longe de tudo. Austero, solitário, amargurado com a dor que o não larga, jansenista na sua conduta diária, retira-se do palacete, vai morar numa cabana de madeira que mandou construir, ali se recolhendo, tocando viola de gamba, escrevendo algumas das suas composições, muito raras, gostava sobretudo de improvisar e tornar única cada interpretação. “Todas as manhãs do mundo são irrepetíveis”. Convidado a juntar-se à corte, recusa intempestivamente. A arte não é para se oferecer em salões, mas para se viver no isolamento, na misantropia,

na dor. “Todas as notas devem terminar em morte”. Toca quinze horas por dia, em sofrimento. As duas filhas, Madeleine (Violaine Lacroix) e Toinette (Nadège Teron), aprendem música com ele, até ao dia em que surge um jovem que pretende ter Sainte Colombe como Mestre. Este recusa-se, mas depois aceita o jovem Marin Marais no seu convívio. Marais tem talento, mas olha a vida com outros olhos, apaixonou-se por Madeleine, esta “oferece-lhe tudo”, num magnífico plano em que desnuda um seio e o oferece aos beijos de Marais. Esse confronto entre dois homens, ambos Mestres em tempos diferentes, ambos divididos pela vida, é a essência do filme de Alain Corneau, delicada meditação sobre a arte, sobre essa procura de lamentos e prantos. Uma das composições mais citadas e ouvida será “O Túmulo dos Lamentos”, a preferida de Madeleine. E Sainte Colombe dará mesmo uma definição de música: “Ela existe para dizer o que as palavras não conseguem dizer”. Belíssimo.

Alain Corneau parte de uma obra do escritor Pascal Quignard, pede a exímia colaboração do músico Jordi Savall, serve-se do talento plástico do director de fotografia Yves Angelo, que reproduz verdadeiros quadros do século XVII, tendo como influência nítida a iluminação dos grandes mestres da pintura holandesa, de Rembrandt a Vermeer, que oferecem por vezes verdadeiras “naturezas mortas” e quadros da corte admiráveis, muito bem recriados pelos designers Bernard Vézat e Corinne Jorry. No computo geral “Todas as Manhãs do Mundo” é uma verdadeira obra de arte.



TODAS AS MANHÃS DO MUNDO

Título original: *Tous les matins du monde*

Realização: Alain Corneau (França, 1991); **Argumento:** Alain Corneau, Pascal Quignard, baseado numa obra deste último; **Produção:** Raphaël Berdugo, Jean-Louis Livi, Bernard Marescot; **Música:** Marin Marais e Monsieur de Sainte Colombe; **Música original:** Jordi Savall; **Fotografia (cor):** Yves Angelo; **Montagem:** Marie-Josèphe Yoyotte; **Design de produção:** Bernard Vézat; **Decoração:** Françoise Doré; **Guarda-roupa:** Corinne Jorry; **Maquilhagem:** Jean-Pierre Berroyer, Jean-Pierre Eychenne; **Direcção de Produção:** Gilles Loutfi; **Assistentes de realização:** Jérôme Navarro, Hiromi Rollin; **Departamento de arte:** Thomas Godelle, Raymond Schmidt; **Som:** Bernard Chaumeil, Pierre Gamet, Gérard Lamps, Anne Le Champion, François Lepeuple, Laurent Lévy; **Companhias de produção:** Film Par Film, DD Productions, Divali Films, Societé d'Exploitation et de Distribution de Films, FR3 Films Production, Centre National de la Cinématographie, Canal+, Paravision International S.A.; **Intérpretes:** Jean-Pierre Marielle (Monsieur de Sainte Colombe), Gérard Depardieu (Marin Marais), Anne Brochet (Madeleine), Guillaume Depardieu (o jovem Marin Marais), Carole Richert (Toinette), Michel Bouquet (Baugin), Jean-Claude Dreyfus (Abade Mathieu), Yves Gasc (Caignet), Yves Lambrecht (Charbonnières), Jean-Marie Poirier (Monsieur de Bures), Myriam Boyer (Guignotte), Violaine Lacroix, Nadège Teron, Caroline Silhol, Philippe Duclos, Yves Gourvil, etc. **Duração:** 115 minutos; **Distribuição em Portugal:** NOS Audiovisual; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 30 de Abril de 1993.

Texto de Lauro António